

ANTROPOLOGIA

O trabalho da antropóloga Berta G. Ribeiro do Museu Nacional e bolsista do CNPQ encontra-se além destas duas páginas. Sua monografia "ARAWETÉ: a índia vestida" aqui sintetizada, destacando apenas três aspectos, o histórico do contato a indumentária da mulher Araweté e o futuro, é produto de minuciosa observação in loco. Em sua totalidade são cinco os grandes tópicos - histórico do contato, comedores de milho, divisão do trabalho no nível da subsistência e artesanal, a vestimenta feminina, e o pudor, o futuro dos Araweté.

Histórico do contato do povo Araweté

Na década de 70 inicia-se a ocupação de uma área escassamente povoada à margem direita do médio Xingu. Essa região era tradicionalmente o habitat de grupos caracterizados por Curt Nimuendaju como tupi impuro (Jurúna, Xipáia, Kuruaia), pelos Takunyapé, certamente tupi e os Arara, provavelmente Karib. Os dois primeiros, excelentes canoieiros, habitavam ao longo dos grandes rios. Os demais, no interior da floresta (op. cit. 213/4). Dos grupos mencionados, os Jurúna, reduzidos em números, deslocam-se para o Manitsáua, afluente do Xingu, acima da cachoeira Von Martius, atual Parque Nacional do Xingu, no começo do século. Os takunyapé são dados como extintos desde fins do século passado (id.: 223). Dos Kuruaia e Xipáia há poucos remanescentes vivendo em contato direto com a população de Altamira e arredores. Os Arara estão sendo neste momento atraídos pela Funai.

Nenhuma notícia é dada por Nimuendaju da tribo atualmente conhecida como Araweté, também grupo tupi, chamado Ararawa pelos Asuriní, contatado pela Funai em 1973. Esse primeiro contato se deu em novembro desse ano no Alto Ipixuna, acima do local da antiga aldeia asuriní. A turma de atração da Funai se fazia acompanhar de um índio Akuawa-Asuriní e outro Suruí. Nenhum dos intérpretes conseguiu entender-se com os Araweté (12 homens, uma mulher e uma criança).

No ano seguinte, 1974, a Funai abre um Posto de Atração sob a chefia de Raimundo Alves. É situado no local da antiga aldeia asuriní, designada por estes Dzwara Kipiona (onça com mancha preta na barriga - informação do índio asuriní, Takamuin). Os funcionários da Funai encontram vestígios da mesma na forma de pilastras da antiga casa comunal. Al abrem uma grande roça de arroz, mandioca, milho, mamão e outras árvores, frutíferas, e muita banana. Por isso o local passou a ser chamado pelos Araweté, Banana'ti. Em 1975, incorpora-se à turma de atração o atendente de enfermagem Antonio Lisboa de Freitas Dutra que continua no mesmo posto até hoje.

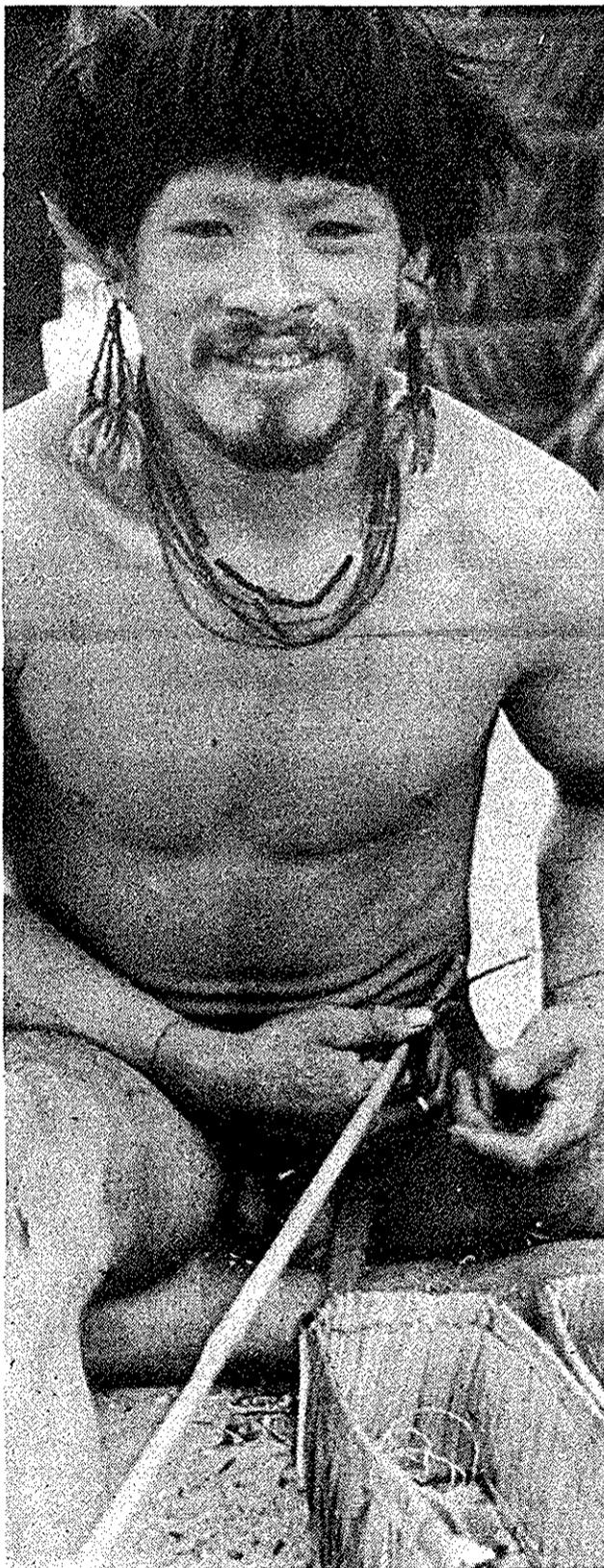
Antes do contato com a turma de atração da Funai, os Araweté já se relacionavam com seringueiros e gateiros, cujo "padrão", Cícero Maia, mandava que lhes dessem presentes de ferramentas, a fim de não perturbarem seu trabalho. No entanto, nem sempre os contatos com regionais foram amistosos. No levantamento feito das causas da mortalidade entre os Araweté, registrou-se um óbito causado por conflitos com brancos.

Em 1976, João Carvalho, é designado intérprete junto aos Araweté. Ele é quem atribuiu a esses índios a designação de "Araweté", talvez por ouvi-los pronunciar esse etnônimo em relação aos Asuriní. A Carvalho se deve a um diário manuscrito que registra sua atividade durante o período que permaneceu entre esses índios e que, ao lado de informação verbal, constituiu a principal fonte do trabalho de Expedito Arnaud.

Diário de Carvalho

Ao chegar ao beiradão do Xingu, a 29/8/76, Carvalho encontra um magote de índios acampados em frente à casa do sr. Antenor no local conhecido como "Furo do Tamandua". Ao que parece, trata-se do grupo que desceu do Xingu após um ataque dos Parakanã à sua antiga aldeia, nas proximidades das nascentes do Ipixuna. Abandonada esta, constróem uma nova junto ao Igarapé Jatobá, a cerca de duas horas de motor do Xingu.

Essa descida, deveu-se, aparentemente, à necessidade de aprisionarem-se de produtos da roça, o que efetivamente fizeram, primeiros na do Sr. Edilson (cerca de 5 tarefas), onde João Carvalho encontrou palha de milho em abundância, e em seguida na de Antenor. Nas proximidades desse local, Carvalho encontrou cerca de 50 índios que se mostraram muito cordiais, recusando, contudo, levá-lo ao acampamento. Notou que estavam "bastante gripados, magros e famintos". (Diário



Um Araweté fazendo flechas (Foto Renato Delanole - Atualidade Indígena).

10/6/76). No dia 2 de junho dá-se o episódio da primeira aplicação de injeção num índio. Já então estes admitiam a entrada dos pedionários no seu acampamento, recebendo não só assistência médica como ajuda para a preparação da farinha de mandioca colhida na roça de Antenor. O primeiro diário de João Carvalho encerra-se no dia 6 de junho.

No seu segundo diário, João Carvalho, registra o

encontro de 16 cadáveres de adultos e uma criança, no dia 17/11/76. No dia seguinte, encontra "... 15 ossadas de adultos, sem contar as crianças que continuam em segredo". No dia subsequente, lhe é indicado o local do sepultamento de outros 6 mortos (2 homens, 2 mulheres, 2 crianças). O diário registra o local do acampamento desse último grupo "... que pensávamos que vinha da aldeia mas estavam bem próximos de nós". Quanto aos demais, lamenta não ter ido buscar o pai da Índia Tapaia'hi (a viagem de ida e volta duraria 10 dias) "... e assim se teriam salvo estas vidas". (Diário 19/12/76). Essas ossadas pertenciam, ao que parece, a índios que teriam permanecido na aldeia do Igarapé Jatobá, e aí, sofrido outro ataque dos Parakanã. Ou talvez, aos que baixaram ao Xingu, ali adoceram e vinham seguindo os que acompanharam Raimundo Alves na sua caminhada ao Posto de Atração.

Essa segunda investida dos Parakanã, a primeira pós-contato, ocorreu por volta de dezembro de 1976. No seu diário, João Carvalho informa que no dia 19 desse mês os índios lhe entregaram duas flechas Parakanã. E que nesse ataque foram raptada a Índia Maupai'hi. (Diário 22/12). Ela volta à aldeia com a cabeça raspada. Pelo tamanho do cabelo, Carvalho deduz que a fuga ocorrera 10 a 15 dias antes. E conclui: "sinal de que os Parakanã se apossaram da aldeia, e que o restinho dos Araweté está jogado no mato". Além desta investida dos Parakanã, Carvalho nos fala de outra em seu diário do dia 17/11/77.

Num levantamento das causas das mortes da primeira geração acendente em linha direta dos atuais Araweté, Eduardo Viveiros de Castro e Dr. Frederico F. Ribeiro obtiveram a informação de que uma criança fora levada pelos Asuriní. No rol dos mortos em combates com outras tribos foram levantados nome por nome, 33 pessoas, 18 homens e 15 mulheres vitimados por Kayapó Asuriní e Parakanã. Aos primeiros, os Araweté designam por esse nome para facilitar o nosso entendimento, e também por Awín ya tsikán (inimigo que mata com pau), na tradução de Viveiros de Castro. Os atingidos por ataques dos Kayapó - provavelmente Xikrin do Bacajá - são os mais idosos dentre os rescenseados. Isso indica que essas lutas tiveram lugar há muito tempo, quando os Araweté ainda viviam nas nascentes daquele rio "... sua mais antiga localização, onde existem vestígios de antigas aldeias, nas quais foram colhidos, pela turma da Funai, fragmentos de peças de cerâmica, machados de pedra e outros utensílios, identificados como a eles pertencentes". (Arnaud, 1978:6).

O território tribal dos Araweté se estende ainda, ao que parece ao Igarapé, Canafistula, onde José Dariuche e Assis, participantes da turma de atração, encontraram vestígios de índios (J. Carvalho, Diário 13/11/76). E também mais acima ao Igarapé Bom Jardim onde ainda existiria um grupo deles (idem, 30/4/77). Completando essa informação, existe, outra, registrada por Carvalho (Diário 27/5/77), de que nesse Igarapé vivia uma tribo amiga dos Araweté de índios "não valentes", todos os quais teriam estado em sua aldeia, há 7 ou 8 anos passados (1968?), uma vez que os meninos dessa idade chegaram a conhecê-los. Plantam milho, batata, cará, macaxeira e têm casa grande. Seria outro grupo ainda não constatado?

O primeiro rescenseamento dos Araweté, devido a J. Carvalho, registra 119 índios (59 homens e 60 mulheres) em 1977. (Arnaud, 1978:11). A população atual é de 130 (62 homens e 68 mulheres). Sua taxa de fertilidade é das mais altas registradas entre grupos indígenas com pouco tempo de contato: 6 a 6 filhos por mulher adulta (cf. relatório Dr. Frederico F. Ribeiro). As moléstias que os afetam no momento do contato e provavelmente um pouco antes - malária, conjuntivite, gripe, pneumonia - estão no momento debeladas ou sob controle. É de se prever, por isso, a persistirem condições favoráveis, um aumento populacional considerando-se que 57% dos Araweté é constituído de menores de vinte e cinco anos.

ANTROPOLOGIA

O futuro dessa cultura

Tal como os Asurini, os Araweté não foram "pacificados". Ambos os grupos aproximaram-se do branco voluntariamente para obter ferramentas, remédios e proteção contra tribos inimigas. Entretanto, ao contrário dos Asurini que, 10 anos após o contato se encontram em franca extinção, com a população infantil representando 12% da população total, já em si diminuta (54 pessoas), os Araweté têm frente a si um futuro mais promissor. Esta perspectiva pode ser vista a olho nu, pela alegria barulhenta e buliçosa das crianças, a cordialidade e o otimismo de todos, se comparados com a melancolia e derrotismo dos Asurini.

Entretanto, algumas inovações deverão ser feitas, mesmo sob pena de interferir no tecido social e no modo de vida tradicional desta tribo. Aqui se coloca a pergunta: o que são os Araweté? Mais que nada silvícolas interiores, que viviam longe dos grandes rios, ao modo dos Asurini, porém tecnologicamente mais pobres que estes no que refere às técnicas agrícolas e artesanais.



A mulher Araweté e suas características (Foto Renato Delanole - Atualidade Indígena).

A própria rusticidade da cultura material, sua leveza e portabilidade, o pouco cuidado na construção da casa tradicional são um indicio claro de sedentarismo incipiente, ou ao menos, de uma transumância forçada por vicissitudes históricas. O trabalho artesanal do homem e da mulher é desprovido de preocupação estética. Nenhum artefato - cabaça (certamente de introdução recente), cerâmica, tecido, trançado, madeira - é adornado com desenhos. Daí advém, certamente, a dificuldade de expressão gráfica dos Araweté, no lápis e papel.

Com exceção do brinco, técnica e esteticamente elaborado, os poucos adornos plumários que encontramos na aldeia demonstram um desconhecimento técnico no manejo dessa matéria prima.

Voltando à comparação entre Araweté e Asurini, verifica-se que a áboriosa e habilidade artesanal destes últimos fez com que rapidamente conseguissem certa autonomia para a satisfação de necessidades criadas pelo contato com o branco. Constróem suas canoas e remos e ainda os vendem à Funai, podendo, futuramente, especializar-se nessa indústria. O seu artesanato, altamente elaborado encontra grande aceitação pela Artíndia, representando sua venda uma fonte de ingressos permanentes para aquisição de bens industriais. O rápido aprendizado do manejo da espingarda também lhes facilitou o provimento de proteína animal.

Os Araweté passarão, forçosamente, pelo mesmo processo. A desvantagem que atualmente têm com relação às qualidades assinaladas dos Asurini, poderá ser facilmente compensada pelo culto maior da população, por sua juventude (57% com menos de 25 anos) e sua atitude otimista diante da vida. Para isso terão de ser ajudados pela Funai. Não porém como na época do contato, em que trabalhadores abriam roça, pescavam e caçavam para alimentá-los. Mas sim, trabalhando ao seu lado, ensinando-os a cuidar melhor de suas roças, suas colheitas, a pescar com anzól, a lavar o corpo e as roupas com sabão. E evitando o mais possível o consumo conspicuo de bens não indispensáveis que encontram símile em sua cultura: a rede de dormir, a cerâmica, a vestimenta.

Cessadas as hostilidades com os Parakanã e outros grupos e refeita a tribo das moléstias que a acometeram no período pré e pós-contato, e que lhe custou a metade da população, resta ao órgão de assistência projetar e controlar as mudanças que necessariamente sofrerão no trânsito de sua condição de índios isolados para a de grupo de contato intermitente com agentes da sociedade nacional. Esse processo teve início quando os Ara-

weté conseguiram os primeiros implementos de ferro tomados de gateiros, seringueiros e castanheiros, deles não mais podendo prescindir. E prosseguirá na medida em que se habituarem ao uso do sal, fósforos, roupas, alimentos como arroz, açúcar, café, que conhecem e apreciam. E mais ainda, espingardas, até agora não introduzidas nem reclamadas, mesmo porque o seu alimento proteico básico é o jaboti e o tatú. E também quando aprenderem a falar o português e, com isto, os conteúdos da cultura dominante. O indicio mais evidente do seu encantamento com o que conhecem da cultura regional é a adoção da casa de taipa, que representará, certamente, um fator de sedentarização.

Como se sabe, o processo de aculturação é irreversível. Sua condução exigirá muita paciência, sabedoria e com senso das pessoas em contato cotidiano com os Araweté: os funcionários do Posto. Para que ele não seja acelerado demasiadamente, a medida preventiva a ser tomada, de imediato, é a demarcação do território tribal. Isso é tanto mais urgente, considerando-se o projeto de construção de uma hidroelétrica no Xingú e a consequente inundação das terras dos Asurini e Araweté - bem como a valorização das limitrofes.

As roupas da mulher Produção e pudor

(...) Esta última sofrerá, sem dúvida, no processo. Já se pode ver hoje algumas mulheres com saias de pano usadas na altura dos quadris, à maneira de suas próprias. E também blusas sob as tipóias,

para evitar a picada dos mosquitos. Quem sabe virá a representar, no futuro, uma roupa típica exibida em "festas folclóricas", como as que os padres salesianos promovem no alto Rio Negro (...)

Uma das características mais marcantes do Araweté, como etnia, é o uso da vestimenta feminina. Tanto assim é que os Asurini, a par da designação Ararawa, empregavam a de Tsiro tingl (saia branca) para nomeá-los. Os Araweté confirmaram que antigamente ela era dessa cor. Para caracterizar outras tribos, como os Parakanã, por exemplo, os Araweté acentuam que suas mulheres não usam essa vestimenta.

A indumentária feminina completa da mulher adulta é composta de quatro peças: a saia-cinta, usada para cobrir a genitalia, apertar o terço superior da coxa e as nádegas, acima da dobra: a sobre-saia ou saia propriamente dita; a tipóia e o tubo-lenço para cabeça. Todos são tecidos segundo a mesma técnica - entretecimento por torção da trama de carreiras paralelas em sentido longitudinal (tecido entretorcido-twined). No caso da saia-cinta, essas carreiras são montadas próximas umas às outras formando um tecido compacto (weft faced) isto é, com a trama parente, que se assemelha a uma longa.

A sobre-saia, também um tubo tecido, apresenta comprimento variável, acorde à altura da usuária.

A tipóia é usada de várias maneiras. As vezes as índias cobrem com ela todo o busto e a barriga e ainda puxam uma ponta sobre o ombro, deixando o outro a descoberto. Da mesma forma é movimentado o tubo-lenço, preso não raro por uma grinalda de enfiadura de contas negras, o que confere à figura feminina uma imagem semelhante ao uso do turbante árabe.

A toalete feminina completa é composta dessa indumentária, de um fio de algodão tinto de urucu arrado abaixo do joelho e outro no tornozelo, do colar de contas de miçangas (tsinã) e de um par de brincos (namika) constituído de sementes pretas e flores de penas, também de uso masculino.

O cuidado do corpo, inclui a remoção das sobrancelhas em ambos os sexos, mas não dos cílios como entre os Asurini, e o uso de uma pintura facial e corporal de urucu. A primeira consiste de dois traços partindo da boca para as orelhas, um outro na horizontal, abaixo da franjinha e um terceiro na vertical, dessa linha até a ponta do nariz. Essa pintura é feita com urucu cozido na água até secar. Para torná-la mais indelével, adicionam-lhe a seiva perfumada de uma árvore (mea'i). Com outra seiva fixam a penu-

gem de gavião que colocam no cabelo untado de urucu, em ocasiões especiais, e os homens também no peito, formando uma linha na horizontal. Mais comumente, homens, mulheres e crianças untam-se de urucu da raiz dos cabelos até a ponta dos pés. Uma outra vez pode ver-se uma mulher e ou um homem com tracejados simples no corpo feitos a dedo com a mesma tinta.

É provável que haja algum mito vinculado ao uso da vestimenta feminina e ao pudor. A insuficiência lingüística e o pouco tempo passado entre os Araweté não permitiram que colhessem textos míticos. O importante a assinalar é que, por uma ou outra razão, as mulheres, a partir da pré-puberdade não se separam de suas saínas, embora nem todas usem a interna (sai-cinta) constantemente. E quando têm de banhar-se, as mulheres adultas o fazem com o maior recato, mesmo na frente de outras mulheres, tirando as duas saias ao mesmo tempo e agachando-se para ocultar o sexo.

O pudor masculino começa a revelar-se com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, no começo da puberdade. Dificilmente se verá um menino de 11 anos para cima sem o calção, ao passo que os homens adultos, que fazem o arranjo de decôro - a amarração do prepúcio para ocultar a grande - andam nus. O uso da vestimenta masculina nesses últimos 5 anos pós-contato, ligada por um lado ao pudor e à imutação dos kamará (brancos), se explica principalmente como proteção contra a praga, o pium. Com efeito, à noite, quando este desaparece, todos se despem completamente, exceto do arranjo de decôro.

Grande celeuma foi levantada quando tentei adquirir as peças do vestuário feminino. De um modo geral, a mulher usa sua roupa até a exaustão, só repondo-a e a de suas filhas quando estão em frangalhos. A atração que exerce sobre as índias a nossa bugiganga é que permitiu efetuar algumas trocas. Quando se tratava de saia-cinta (tupã heté), essa operação foi cercada do maior segredo, feita à noite, às escondidas. Posteriormente, uma das transadoras recuperou sua prenda e todas as demais reclamaram querendo as delas de volta esse incidente mostra que se trata de um bem pessoal, praticamente intransferível.